

A Representação das Minorias nas Propagandas Brasileiras da Copa do Mundo de 2014¹

Sérgio Arreguy SOARES¹
Luiz Eduardo de Carvalho ALVES²
Viviane Dias LOYOLA³
Admir Roberto BORGES⁴
Universidade FUMEC, Belo Horizonte, MG

Resumo

O presente artigo buscou evidenciar a maneira como as minorias sociais são retratadas em comerciais de eventos de grande porte no país, mais específico para a Copa do Mundo de 2014. Selecionando alguns comerciais exibidos em televisão no período do evento, analisou-se como os grupos minoritários aparecem: se de forma estereotipada ou não; se aparecem em primeiro ou segundo plano; de que maneira dá-se a retratação; e o que ela representa. Minorias como as mulheres, negros, idosos e obesos foram observadas durante a análise dos anúncios selecionados, cada um em sua proporção. Algumas minorias ficaram excluídas como os indígenas. Outras quase não apareceram, como homossexuais e deficientes físicos.

Palavras-chave

Representação; Minorias; Propaganda; Copa do Mundo.

Introdução

Os grupos minoritários, ao longo da história, tiveram dificuldade em serem ouvidos na sociedade, muitas vezes foram discriminados e perseguidos. Houveram épocas em que alguns grupos foram meros trabalhadores braçais, como os negros e indígenas na época das grandes navegações e da colonização. Também já não foram considerados cidadãos, como as mulheres no período clássico grego. A velhice era temida por grande parte dos gregos no período helenístico. Além de negros e homossexuais terem sido perseguidos por Adolf Hitler nos anos de 1930 e 1940.

¹ Professor e Pesquisador da Universidade FUMEC, email: sarreguy@fumec.br

² Estudante do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade FUMEC, email: luizedu_alves@yahoo.com.br

³ Professora e da Universidade FUMEC, email: vivianel@fumec.br

⁴ Professor e Pesquisador da Universidade FUMEC, email: admir.borges@fumec.br

Essa relação de perseguição das minorias, nos tempos atuais, não é, pelo menos no mundo Ocidental, feita de forma direta, mas ainda acontece de forma velada. Os grupos minoritários penaram muito para terem suas vozes ouvidas, porém, ainda não são ouvidos e considerados o suficiente.

Apesar das minorias terem conquistado diversos direitos ao longo do tempo, sua participação ativa na sociedade ainda não é totalmente efetiva. O propósito do seguinte artigo é esclarecer e estudar a maneira que os grupos minoritários são retratados pela televisão brasileira quando temos grandes eventos no país.

Os comunicadores e em especial em razão do tema tratado neste artigo, os publicitários são formadores de tendências e de opiniões. Teriam, portanto, a responsabilidade de dar voz às minorias sociais e fazerem com que elas fossem respeitadas e consideradas na sociedade.

Propõem-se, portanto, investigar as minorias e sua retratação no recorte do maior evento esportivo que ocorreu no país nos últimos anos, a Copa do Mundo. Principalmente das mulheres, negros, obesos e idosos. Esses, os mais retratados nas propagandas assistidas durante o período da competição.

Os dados foram coletados por meio seleção e análise de comerciais para televisão durante o período da Copa do Mundo de 2014. A análise dos comerciais foi relacionada com textos, livros e artigos que abordam o tema minorias.

As minorias na sociedade

Antes de entrar nos resultados da pesquisa, é preciso estabelecer alguns conceitos importantes para o entendimento do tema e da abordagem feita para análise.

Representação, segundo Filho (2004), está associada à delegação de poderes e no falar por ou falar sobre categorias ou grupos sociais. No caso, as minorias podem ser classificadas como todo e qualquer grupo social cujas vozes são marginalizadas pelo poder e pelo sistema dominante de significados numa sociedade ou cultura (Filho, 2004).

As minorias sofreram e sofrem com a imposição de estereótipos. Estereótipos que, segundo Walter Lippmann (apud Filho, 2004), têm a intenção de atuar como forma de imposição de um sentido de organização ao mundo social. Walter Lippmann estabeleceu, ainda, duas noções para os estereótipos. A primeira de base psicológica, consistindo no modo necessário de processar informações. A segunda, de base política, diz respeito às

construções simbólicas enviesadas. Para Filho (2004) ainda sobre estereótipos, esses impedem qualquer flexibilidade de pensamento em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração. Os estereótipos evitam que haja outra forma de encarar um assunto, no caso as minorias, de forma diferente daquela já encarada. Demarcam e mantem algumas fronteiras simbólicas.

Os estereótipos da sociedade atual são enraizados do século XIX e da racionalização de diferença racial no período em especial. Os grupos minoritários sofrem o que Filho (2004) chama de Pânico Moral. Refere-se a uma situação quando um grupo de pessoas passa a ser encarado com ameaça para valores e interesses basilares da sociedade. E um dos principais disseminadores desse pânico são os meios de comunicação de massa.

Neste artigo, os grupos minoritários que serão analisados são os homossexuais, negros, mulheres e idosos, e superficialmente os obesos.

Homossexuais

Os homossexuais nem sempre sofreram com a desigualdade e o preconceito. Tribos das ilhas de Nova Guiné, Fiji e Salomão, há 10 mil anos, acreditavam que o conhecimento sagrado só poderia ser transmitido por meio do coito entre duplas do mesmo sexo. No rito, um dos parceiros travestido representava um espírito dotado de grande alegria. Seus trajes não eram tão diferentes de um show de *drag queen* nos dias atuais. Há três mil anos, as leis hititas reconheciam uniões entre pessoas do mesmo sexo. (Rodrigues e Lima, 2008).

Segundo Rodrigues e Lima (2008), Sócrates pregava que o sexo homossexual era uma melhor forma de inspiração, enquanto o sexo heterossexual servia apenas para procriação. Dos adolescentes atenienses, esperava-se que aceitassem laços de amor com homens mais velhos, a fim de absorver virtudes e conhecimentos de filosofia.

Na Roma antiga, a pederastia era encarada como um sentimento puro. Porém, se um homem mais velho mantivesse relações sexuais com outro, estava estabelecida sua desgraça. Podia ser impedido de exercer qualquer cargo público. Durante boa parte da Antiguidade, a relação entre pessoas do mesmo sexo sempre foi encarada de forma natural e podia ser explicada levando em consideração as crenças de cada povo. Na mitologia grega e romana, ou entre deuses hindus e babilônios, a homossexualidade se fazia presente. Muitos deuses não têm sexo definido. Ganesh, por exemplo, o Deus hindu da fortuna, acredita-se

que teria nascido de uma relação entre duas divindades femininas. (Rodrigues e Lima, 2008).

Isso começou a mudar, entretanto, com o advento da religião católica. O primeiro castigo corporal aplicado a homossexuais data-se de 390, durante o reinado de Teodósio, o Grande. Em 533, o imperador cristão Justiniano promulgou o primeiro texto de lei proibindo a homossexualidade. No início do século IX, o imperador romano Constantino converteu-se à fé cristã, tornando o cristianismo obrigatório no maior império da época. Assim, o sexo passou a ser interpretado apenas como forma de procriação, e a homossexualidade passou a ser antinatural. Desse momento em diante, os homossexuais foram tratados como doentes e, muitas vezes, perseguidos e condenados.

A peste negra, de 1347 e 1351, matou 25 milhões de pessoas na Europa. Devido à tecnologia da época, não conseguiram identificar a causa da doença. Alguns grupos, entre eles os homossexuais tornaram-se a causa dos males da doença e da sociedade. A solução fora, então, erradicar esses grupos. Em Florença, criaram os agentes da noite que, durante 70 anos, de 1432 a 1502, incriminaram 17 mil pessoas, sendo três mil por sodomia. (Rodrigues e Lima, 2008).

Mais recentemente, durante as Grandes Guerras do início do século XX, o homossexualismo, na Inglaterra, era considerado crime de obscenidade. Fato que pode ser observado no filme O Jogo da Imitação, dirigido por Morten Tyldum e estrelado por Benedict Cumberbatch, da Warner Bros. No filme, Alan Turing, estrelado por Cumberbatch, é condenado pelo crime de obscenidade por ter sido acusado de ser homossexual. (Esteves e Esteves, 2013).

Essa discriminação ocorre até os dias atuais, de forma mais suave. Recentemente, em 2015, os Estados Unidos aprovou a união matrimonial entre casais do mesmo sexo. Assim, como no Brasil, que havia aprovado o casamento civil em 2013. Porém, ao mesmo tempo em que podem casar-se, ao sair às ruas os homossexuais sofrem agrêsões pelo simples fato de serem homossexuais.

Negros

Os negros sempre tiveram dificuldades em se estabelecer na sociedade e em terem seus direitos atendidos. Como é ensinado nas escolas, as populações negras sofreram muito a partir das colonizações e das grandes navegações. Os europeus chegaram à África e

desenvolveu-se o tráfico negreiro em seus navios que transportavam os negros para serem escravos nas colônias portuguesas, espanholas, inglesas etc.

Segundo Schilling (2002), mesmo antes dos europeus desembarcarem na África, os povos árabes já praticavam o comércio negreiro, transportando escravos para a Arábia e para os mercados do Mediterrâneo oriental, para os sultões e os xeques. Dentro das próprias tribos africanas havia esse comércio, visto que a tribo derrotada numa guerra era vendida aos comerciantes.

Estima-se que cerca de onze milhões de negros tenham sido trazidos para a América como escravos. Desses, quatro milhões para o Brasil. Coube a esses quatro milhões a parte mais árdua: o trabalho pesado, a carga mais dura e a violência mais brutal. (Mariano, 2000). No Brasil, a escravidão foi abolida somente em 1888, no dia 13 de maio, por meio da Lei Áurea, que deu finalmente liberdade total aos negros no país. Foi assinada pela Princesa Isabel. O último país ocidental a abolir a escravidão.

Apesar de estarem livres, a vida dos negros no Brasil continuou difícil. O Estado não se preocupou em oferecer condições para que os ex-escravos pudessem ser integrados no mercado formal e assalariado e o preconceito por parte da elite brasileira continuou. A preferência pela mão de obra europeia aumentou exponencialmente no país depois da abolição. Os negros tornaram-se figuras marginalizadas, esquecidas pelos órgãos do governo. Não conseguindo atenção da sociedade, buscaram cuidar uns dos outros, um exemplo disso foram os cortiços, habitações coletivas precárias, utilizadas por várias famílias negras de baixa renda e que habitavam os centros das cidades. (Silva, 2008).

Mais tarde, despejados dos cortiços os negros criaram as favelas que conhecemos atualmente. Os cortiços do centro da cidade do Rio de Janeiro, principalmente, eram bem desejados, devido ao plano de desenvolvimento da cidade. No final do século XIX, com o inchaço populacional na cidade, o então prefeito, Cândido Barata Ribeiro, iniciou uma perseguição a essas instalações e despejou seus moradores. Esses moradores despejados conseguiram permissão para construir casa no Morro da Providência, dando início aos primeiros aglomerados, que mais tarde passariam a ser chamados de favelas. (Mattos, 2007)

No Brasil as revoluções negras não foram tão expressivas como as ocorridas na América do Norte, principalmente nos Estados Unidos. Por volta dos anos 60, havia uma intensa segregação racial no país norte-americano, onde os negros e brancos eram separados de diversas formas. Havia lugares separados para sentarem no ônibus e até bebedores diferentes em escolas. O nome mais conhecido da luta negra, não só nos EUA, mas em todo mundo, foi o de Martin Luther King, que liderou a revolução racial no país e conseguiu fazer com que a discriminação racial fosse considerada ilegal. “Mas eu tenho um sonho de que minhas quatro crianças um dia viverão numa nação onde não serão julgadas pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter.” Martin Luther King – “I Have a Dream”. (1963).

Outro exemplo bem conhecido pela luta da população negra ocorreu na África do Sul, o *apartheid*. De acordo com Francisco (2015), o *apartheid* consistia numa política racial. A minoria branca, que detinha o direito a voto, tinha todo poder político e econômico no país, deixando a maioria negra somente no papel de obedecer. Em 1950 começaram as manifestações intensas contra o regime, com a desobediência civil lançada pelo Congresso Nacional Africano, organização negra criada em 1912. Em 1960, 67 negros foram mortos pela polícia enquanto participavam de uma manifestação. Várias partes do mundo protestaram contra o Massacre de *Sharpeville*, como ficou conhecido, fazendo com que as autoridades proibissem o Congresso e prendessem seu líder Nelson Mandela.

Em 1989, quando o regime imperialista na África estava enfraquecido, o domínio branco na África do Sul entrou em crise. E, no mesmo ano, com a posse de Frederick de Klerk, Mandela foi libertado e o Congresso permitido. Klerk revogou as leis raciais, sua política foi legitimada por um plebiscito só para brancos, em que 62% votaram contra o fim da *apartheid*. (FRANCISCO, 2015)

Os negros conquistaram muitos direitos durante esses vários anos. Porém, ainda persistem os episódios de preconceitos e discriminação. A colonização portuguesa no Brasil e a herança cultural de valorização do corpo branco, para Yirula (2009), são fatores que ainda deixam o preconceito pairando sobre nossas cabeças. Yirula diz ainda que pelo fato de na época da colonização portuguesa os negros não poderem se fazer representar, sofriam representações sob a ótica etnocêntrica dos europeus colonizadores e eram colocados estereótipos sobre eles, alguns persistem até hoje.

Mulheres

Para Silva (2008), a narrativa histórica, escrita fundamentalmente por homens, se absteve de incorporar às suas preocupações o sujeito feminino. As mulheres, até o final do século XIX com a Revolução Industrial, não tinham direitos iguais aos dos homens. Também não participavam de decisões políticas, nem votavam. Na Grécia Antiga, não entravam no seletivo grupo de cidadãos.

As primeiras reivindicações entre igualdade de gêneros deu-se a partir da primeira Revolução Industrial, em 1789, de acordo com Prado (2010). Porém, somente na Segunda Revolução Industrial, no final do século XIX é que essas manifestações tornaram-se mais fortes.

Em 1908, 15 mil mulheres marcharam sobre a cidade de Nova Iorque exigindo redução de horário, melhores salários e direito ao voto. Por iniciativa do Partido Socialista da América, em 28 de fevereiro de 1909 celebrou-se o primeiro Dia Internacional da Mulher. Uma conquista e tanto para quem antes não tinha voz.

Em 1932, no Brasil, após muita luta e campanhas eleitorais, as mulheres conseguiram o direito de votar e de elegerem para cargos públicos. Maria Thereza Nogueira de Azevedo e Maria Thereza Silveira de Barros Camargo foram, em 1934, as primeiras mulheres eleitas para a Assembleia Legislativa paulista. (PRADO, 2010)

Apesar de terem conquistado muito, ainda há na sociedade brasileira vestígios de preconceito contra as mulheres, fruto da herança cultural e histórica. Embora sofram preconceitos enraizados, as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaços de destaque no Brasil. Na política, muitas mulheres exercem o cargo hoje cargos públicos. A presidenta Dilma Rousseff representa a maior das conquistas de avanço das mulheres por igualdade na sociedade brasileira.

Idosos

Os idosos tem um tratamento diferente dependendo da localização no planeta. Na China, 500 anos antes de Cristo, os velhos tinham uma condição privilegiada, segundo Mendes (2011). Tinham uma qualificação e uma responsabilidade maior. Os homens mais velhos eram obedecidos por todos dentro de sua casa e sua autoridade não diminuía com o

aumento da idade. A velhice nunca fora denunciada como um flagelo, mas como posse de sabedoria.

No Ocidente, mais especificamente no Egito, em 2500 a.C., o filósofo Ptha-hotep assim descrevia a velhice como penosa, “...ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso/ sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembra-se hoje do que aconteceu ontem. (...) A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem.” (MENDES, 2011, p. 89)

Ainda segundo Mendes, pode-se ver claramente o quão ruim era se tornar idoso no Egito, há 5 mil anos e trazer esse pensamento pra nossa época atual, em que a terceira-idade é tratada como um castigo por alguns.

Por outro lado, o povo judeu tem um respeito muito grande pelos idosos, verificado através de seu principal livro: a bíblia. No capítulo Eclesiástico tem-se: “Meu filho, ampara o teu pai na velhice e não lhe causes desgosto enquanto ele vive. Mesmo que ele esteja perdendo a lucidez, procura ser compreensivo para com ele; não o humilhes, em nenhum dos dias de sua vida: a caridade feita ao teu pai não será esquecida, mas servirá para reparar os teus pecados e, na justiça, será para tua edificação.” (Eclo 3:14-17a).

Na Grécia, no período helenístico, em que o vigor da juventude era buscado incessantemente, a velhice era temida pela população. Porém, ao mesmo tempo em que era temida, estava associada à ideia de honra. Em algumas tribos ao redor do planeta, os anciões, aqueles que têm o conhecimento e o poder, são sempre os mais velhos da tribo.

Levantamento e análise de comerciais

A coleta de dados deu-se durante todo o período do evento, assistindo televisão a procura de comerciais que falassem sobre a Copa do Mundo e retratassem minorias. Depois de levantados, os comerciais foram selecionados e os que mais apresentavam os grupos minoritários foram analisados.

Dentre os anúncios analisados, as marcas que se destacaram foram o McDonald's, o Banco Itaú, a cerveja Itaipava e a Rede Globo. Todos estes anunciantes buscaram retratar o Brasil festivo. E conseguiram colocar algumas minorias dentro dos anúncios. Algumas vezes estereotipados, outras em segundo plano.

Por outro lado, entretanto, percebeu-se a falta de presença de algumas minorias nas propagandas. Os índios não apareceram em nenhum comercial analisado. Os deficientes tiveram aparição quase inexistente, salvo pelo anúncio do Banco Itaú, onde aparece um cadeirante por poucos segundos. A figura do obeso é pouquíssimo retratado, embora seja um dos protagonistas no comercial da Cerveja Itaipava. Nesse comercial a figura do obeso é aquela do amigo engraçado, do amigo que conta piada toda hora. Outro ponto interessante no mesmo comercial é a retratação da mulher como opressora, levando a crer que a figura feminina é sempre repressora. A mulher, no comercial, fica sempre omissa quando o assunto é futebol, com o papel de coadjuvante dentro do anúncio.

A omissão da mulher que aparece no comercial da Itaipava é contradita nos comerciais da Rede Globo e do Mc Donald's, onde aparecem mulheres jogando futebol. No caso do Mc Donald's várias mulheres participam de um jogo. Nesses anúncios, ainda temos a aparição de idosos esportistas. No primeiro, andando de skate e, no segundo, fazendo embaixadinhas, quebrando o estereótipo de que a velhice está associada à invalidez e a não prática de esportes.

Há também idosos participando da festa por meio do futebol de mesa, o famoso pebolim ou totó, no comercial da Rede Globo.

No anúncio do Mc Donald's aparecem garotos negros jogando futebol, o que não é uma coisa exclusiva desse comercial. Porém, algo nesse comercial chamou a atenção porque há também a aparição de um garoto branco jogando bola. Pode-se fazer a comparação entre um e outro. Os negros aparecem jogando futebol na rua e em frente a uma igreja no que parece ser um vilarejo de interior de estado, ou seja, em locais mais pobres, mais humildes. Enquanto o garoto branco faz sua mágica com a bola dentro do que aparenta ser um shopping, chutando a bola para dentro de um cesto que sobe a escada rolante. No mesmo momento que os garotos negros jogam bola na rua, o garoto branco está jogando bola num local mais nobre, um shopping.

Outro fato a ser observado são as vestimentas, os garotos negros vestem roupas mais simples e estão descalços, enquanto o menino branco veste roupas mais elaboradas, mais chiques, trajando uma chuteira. Essa retratação do negro jogando bola de forma mais humilde ocorre também no comercial da Rede Globo.

Assim como deficientes, foram poucas as aparições de homossexuais nos anúncios. Difícil, talvez, pelo fato de o homossexual não ter características físicas diferentes de um heterossexual. Se assim fosse retratado, teria um risco de apresentar estereótipos sobre os

mesmos. Ações, onde aparecem pessoas do mesmo sexo, foram poucas. Houve apenas um comercial da Fiat, montadora de veículos, em que aparecem por poucos segundos duas mulheres se beijando.

De forma geral, os negros apareciam jogando futebol. Trazendo aquela ideia de que o negro e o futebol são uma combinação perfeita. E que a única forma de ascensão social que resta ao negro é a partir do futebol ou do esporte.

A associação direta entre negritude e molejo é percebida no comercial da Coca-Cola, onde uma menina e outros garotos negros dançam em diversas localidades de uma cidade. Um desses locais é o centro da cidade, o que significa que a cultura negra, antes vista somente nas favelas e periferias das cidades, hoje já se difunde por toda cidade, inclusive o centro.

De modo geral, os comerciais selecionados e analisados sempre trazem uma visão ufanista do Brasil, o clima retratado em todos os comerciais é festivo, e embora os aspectos culturais se façam presentes, contata-se uma certa distância da realidade social.

Conclusão

A intenção principal desse artigo era a de investigar as minorias a partir dos comerciais circulados durante o período de Copa do Mundo no país.

Concluiu-se que, dentre as principais minorias, que são as mulheres, negros, idosos, obesos e homossexuais, todas são retratadas, mas em proporções diferentes. Mulheres e negros aparecem em todos os comerciais analisados, porém são retratados geralmente em segundo plano, como coadjuvantes, não como protagonistas dos comerciais.

O negro aparece estereotipado como o bom de bola, o futuro jogador de futebol. Associado também ao molejo, ao jeito moleque. O que mais chamou atenção, entretanto, foi o comercial da Coca-Cola do passinho, da garota negra que dança com outros garotos negros em vários locais da cidade. Esse comercial especificamente remete à integração cultura negra à cultura do centro. Ou seja, a cultura da periferia transposta para o centro da cidade e deixando de ser exclusiva da periférica para ganhar os moradores de todas as partes da cidade, e de outras classes sociais.

As mulheres aparecem retratadas mais como espectadoras do que como jogadoras. Apesar aparecerem também jogando bola em mais de um comercial, em um deles a mulher faz embaixadinhas.

Idosos e obesos aparecem pouco. Uma das explicações encontradas foi a de que os comerciais falam e abordam o esporte, e essas duas minorias não são associadas às práticas esportivas. Porém mesmo assim, os idosos aparecem praticando esportes: andam de skate, fazem embaixadinhas e jogam futebol de mesa. Já obeso é retratado de forma estereotipada como engraçado.

O homossexuais não foram retratados nos comerciais analisados, ressalvando uma única aparição rápida e em meio a um coletivo de pessoas conforme descrito na análise. E como já salientado, outras minorias além das mulheres, negros, idosos, obesos e homossexuais, simplesmente não foram retratadas e representadas nos comerciais analisados.

Referências

ESTEVES, Maurício; ESTEVES, Maria Cristina. **A triste história de Alan Turing.** Direito e Homoafetividade. 11 jan 2013. Disponível em: <<http://diretoehomoafetividade.blogspot.com.br/2013/01/a-triste-historia-de-alan-turing.html>>.

FILHO, João Freire. Mídia, estereótipos e representação das minorias. **Eco-pós**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.45-71, agosto-dezembro 2004.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Apartheid.** Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/apartheid.htm>>. Acesso em 28 de julho de 2015.

MARIANO, Agnes. **Apresentação.** Histórias do povo negro. Disponível em: <<https://historiasdopovonegro.wordpress.com/>>. Acesso em 27 julho 2015.

MARTIN Luther King Jr.. The Biography. Disponível em : <<http://www.biography.com/people/martin-luther-king-jr-9365086>>. Acesso em 28 de julho de 2015.

MATTOS, Romulo Costa. **“Aldeias do mal”:** Governantes sempre associaram favelas ao crime e à falta de higiene. Revista de história. 31 outubro 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/aldeias-do-mal>>. Acesso em 27 julho 2015.

MELO, Francisco Vicente Sales; FARIAS, Salomão Alencar de; KOVACS, Michelle Helena. **Sorria, um gordo está sendo filmado:** uma análise do papel desempenhado por pessoas obesas em propagandas na perspectiva dos consumidores magros. XXXVIII Encontro da ANPAD. 2013.

MENDES, Iba. **Os velhos ao longo dos tempos**. Iba Mendes. Fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/2011/02/os-velhos-ao-longo-dos-tempos.html>>.

PRADO, Luis Alberto. A história da luta da mulher. MultiRio. 10 março 2010. Disponível em:

<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100:a-origem-do-dia-internacional-da-mulher&catid=33&Itemid=331> . Acesso em 28 de julho de 2015.

RODRIGUES, Humberto; LIMA, Cláudia de Castro. **Vale tudo**: homossexualidade na antiguidade. Guia do Estudante. 01 março 2008. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/vale-tudo-homossexualidade-antiguidade-435906.shtml>>.

SCHILLING, Voltaire. **África Negra**: colonização, escravidão e independência. Educaterra. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/africa.htm>>. Acesso em 27 julho 2015.

SILVA, Jorge da. **120 anos da abolição**. 1. ed. Rio de Janeiro. Editora Hama, 2008. 176 p.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. **Politeia: História e Sociologia**, Vitória da Conquista, v.8, n.1, p. 223-231, 2008.

YIRULA, Carolina Prestes; HOFF, Tânia Márcia Cezar. **As representações do negro na publicidade contemporânea**: a Campanha da Veja. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo. 2009.